

## PREFÁCIO

Cinquenta anos depois da Revolução de 25 de Abril de 1974 — e cinquenta anos decorridos sobre o início da instalação das chamadas “universidades novas” em Portugal — , impõe-se reconhecer a extraordinária transformação que Portugal conheceu, desde então.

A democratização da sociedade portuguesa, um processo atravessado por tensões e contradições, é inseparável da construção das suas instituições democráticas. As universidades foram um dos motores fundamentais da construção da democracia: não apenas como lugar de educação superior de um número cada vez mais alargado de concidadãos nossos – e essa é, em si, uma conquista do 25 de Abril –, mas também como espaço de promoção do desenvolvimento económico e social, de criação e difusão cultural, de elaboração de pensamento crítico e de promoção da participação cívica. Foi neste quadro que a Universidade do Minho e as outras universidades novas se afirmaram como protagonistas de um novo tempo na história da universidade portuguesa e de um País novo.

A Universidade do Minho, que assinalou, em 2024, o Cinquentenário da tomada de posse da sua Comissão Instaladora (17 de fevereiro de 1974) e, em consequência, o início da sua atividade, decidiu dedicar este ciclo comemorativo à memória, inevitavelmente, mas sobretudo à reflexão. Assim surgiu o Colóquio “50 anos de Mudança e Inovação: As Novas Universidades no Contexto da Democratização Portuguesa”, realizado em Braga, nos dias 17 e 18 de abril de 2024, promovido colaborativamente pelas Universidades do Minho, de Aveiro e de Évora e pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. O Colóquio reuniu um conjunto significativo de investigadores, docentes, dirigentes académicos e estudantes, provenientes daquelas e de outras instituições. Este livro reúne, desenvolve e aprofunda reflexões apresentadas nesse encontro, constituindo simultaneamente uma memória do percurso coletivo realizado e um contributo para o debate sobre o futuro da Universidade em Portugal.

A criação das novas universidades resultou de uma visão política e educativa que procurou responder aos limites estruturais do sistema universitário português. A reforma promovida por Veiga Simão, no ocaso do Estado Novo, exprimia a consciência de setores minoritários dentro do regime de que a Universidade precisava de se abrir à sociedade, de se diversificar e qualificar cientificamente, aproximar-se dos territórios, formar novas gerações de docentes e investigadores e contribuir para o desenvolvimento do País. A Revolução de 1974 garantiu o ambiente democrático necessário para que essa visão pudesse ser concretizada e ampliada.

As novas universidades não apenas alargaram o acesso ao ensino superior, como criaram novas formas de pensar a universidade: modelos organizacionais inovadores, valorização do planeamento estratégico, ligação à sociedade e às regiões, promoção da investigação como atividade essencial, fortalecimento da interdisciplinaridade e apostar na formação de jovens doutorados. A construção dos seus *campi*, a consolidação de culturas académicas próprias e a afirmação de identidades institucionais singulares acompanharam de perto a transformação do próprio País. Hoje, é impossível contar a história do Portugal democrático sem reconhecer o papel destas universidades na formação de quadros qualificados, na proposta de diagnósticos e soluções para os desafios principais do País, na modernização tecnológica, na dinamização cultural e na internacionalização do conhecimento.

O livro que a UMinho Editora agora publica lembra que a democratização do ensino superior é um processo em aberto. Apesar da massificação da frequência, persistem desigualdades sociais no acesso, diferenças territoriais na procura e novos desafios estruturais: o declínio demográfico, a crescente competição internacional por talento, a necessidade de aprofundar a inclusão, a redefinição do papel da Universidade num mundo marcado simultaneamente pela inteligência artificial, pela aceleração informacional e pela exigência de novos horizontes éticos.

Celebrar cinquenta anos de universidades nascidas com — e para — a democracia é mais do que um exercício de memória: é um gesto de responsabilidade. No tempo presente, que é também tempo de incerteza e de perplexidades, a universidade continua a ser um dos lugares essenciais de defesa da liberdade, de construção de conhecimento entendido como bem público e de afirmação de uma cultura de exigência. O legado destas

instituições é, assim, um convite a continuar a inovar, continuar a incluir, continuar a pensar criticamente o mundo e a interrogar o nosso futuro comum.

Que este livro contribua para esta tarefa coletiva é o que se deseja.

Rui Vieira de Castro  
Reitor da Universidade do Minho